



RUSSIA — KRONSTADT.

KRONSTADT, praça de guerra importantíssima, está situada na ilha de Kottlina, ou Retou-Sari, que, a seis leguas de S. Petersburgo, divide em sua largura o famoso golfo de Finlândia, em duas partes desiguaes; a mais larga do lado da Carelia, a mais estreita do lado da Ingria. A ilha tem tres leguas de comprimento, e Kronstadt fica na ponta este, formando um amplo quadrado.

Ao navegante que do occidente ali se dirija apresenta a ilha um agudo pontal, cercado de rochedos, sobre os quaes se ergue magestoso o farol de Tolboukin. O fundo até então consideravel, diminue de repente na altura da ilha. O braço de mar que tornea a costa da Carelia é semeado de rochedos submarinos e de bancos de areia; e o seu fundo, de 13, desce rapidamente a 2 metros, obstando por consequencia á navegação em vasos de grande lote. Este lado é além d'isso defendido pelo forte Alexandre, e por baterias edificadas nos recifes. Do lado da Ingria defendem a passagem as baterias da terra, e os fortes construidos no meio das aguas. Pelo sul é tambem Kronstadt inabordable, pela pouca altura de agua.

O forte Pedro é o primeiro que do convex dos navios se avista á esquerda, erigido sobre um pequeno

promontorio. Um pouco mais longe, n'um angulo reintrante, vê-se uma grande bateria. Quasi em frente, e a curta distancia da praia, está o forte Constantino, de cincoenta peças; depois o chamado Alexandre, de forma circular, e de granito, com cento e dezeseis peças; em seguida o que se denomina *Cidadella*, e que se considera o mais importante de todos tres, com setenta e duas peças. Estas obras de fortificação permanente descrevem, pela sua posição, um outavo de circulo.

Sobre a direita erguem-se o Riesbänk, uma bateria, e o grande forte de Kronslott. Os navios tem de passar forçosamente por entre esta immensa artillaria.

Kronstadt tem tres portos; um destinado ao commercio, outro á marinha militar, e outro ás construcções navaes; todos tres defendidos por molhes. Na extremidade este de um d'elles está edificado o forte Menschikoff.

Foi Pedro I, que começou estas fortificações em 1703, com o fim de preservar de um golpe de mão a nova capital, que erigira sobre o Neva. Foi elle proprio sondar a profundidade do mar, designou o sitio, onde devia construir-se o castello Kronslott, e fez até o modelo em madeira, encarregando a exe-

cução de todas as obras necessarias, segundo o seu plano, ao principe Menschikoff. Tal foi a origem de Kronstadt, que hoje conta talvez 40:000 habitantes.

O inverno é longo e rigoroso no golfo da Finlândia, mormente nas paragens de Kronstadt; o mar ali gela regularmente de outubro a abril.

Como todos sabem as esquadras franceza e ingleza fizeram um reconhecimento em frente de Kronstadt; conhecida porém a difficuldade e perigo da empreza, retiraram-se, atacando depois a praça de Bomarsund, nas ilhas de Aland, a qual, caíndo em poder dos alliados, apoz de uma corajosa resistencia, foi arrasada até aos alicerces.

Parece que os homens technicos não consideram impossivel a tomada de Kronstadt; ella depende porém de numerosas tropas de desembarque, que a estação não permittia reunir a tempo, e por isso as operações navaes importantes no Baltico julgam-se suspensas até á futura primavera, se antes d'essa epocha algum successo imprevisito não puzer termo á guerra, que a Turquia, a França e a Inglaterra sustentam contra a Russia.

## PROSADORES PORTUGUEZES.

O PADRE MANUEL BERNARDES.

(1644 — 1710).

### I.

QUANDO se comparam attentamente as obras dos escriptores, que enriqueceram a nossa lingua, e conhecemos mais de perto os segredos do seu estylo, e o artificio da elegancia com que nos atrahem, ornando objectos quasi sempre pouco adequados aos vãos da eloquencia sublime, pasma-se da grandeza de engenho, que era necessaria para vencer a severidade dos assumptos, e vê-se o que seriam Vieira, Fr. Luiz de Sousa, Manuel Bernardes, Fr. Thomé de Jesus, e tantos poetas em prosa, se as brilhantes pinturas apertadas pela estreiteza dos quadros pudessem correr desafogadas, ou sobre a variada tela da historia, ou pelo espaçoso estadio, aberto aos outros generos.

Ligados pela aridez dos themas, e com as prizões das regras e da censura, assim mesmo o ardor da sua phantasia rompe a cada passo, revelando as raras qualidades do talento, e o cabedal de saber adquirido em pacientes e aturadas vigílias.

Abra-se qualquer dos livros de Fr. Luiz de Sousa, e aonde menos se espera talvez, os olhos enlevam-se de repente, a alma foge com o auctor, e, perdido de vista o horisonte natural, sobe arrebatada na suavidade, ou no impeto dos affectos. O escriptor leva-nos consigo atrahidos pela energia e propriedade de uma descripção, ou faz-nos esquecer as horas pela curiosidade de uma narração espirituosa e desaffectedada, travando os episodios com sabor, e contrahindo os incidentes com discrição.

Na historia de S. Domingos, como nos captiva ainda hoje a lenda do demonio pendurado á corda do sino do convento, ou qualquer das infinitas tradições, que esmaltam a chronica da ordem, com interesse do leitor suspenso até ao fim na magia da phrase, e na gentil disposição das proporções!

Na vida do arcebispo, (verdadeiras memorias publicas e familiares de um varão distincto) como entretuce com arte, e expõe com primor as acções miudas, e os lances mais vulgares da existencia quoti-

diana, não omittindo cousa por pequena que seja, e não enfadando, antes deleitando apesar d'isso a quantos seguem o prelado, desde a austeridade do claustro dominicano até ao arcebispado de Braga, e de lá pela visita das serras até á viagem de Trento, theatro das anciosas scenas do concilio tão vigorosamente esboçadas. Mesmo no livro da sua velhice, em que a lima esmorece um pouco, e o buril decáe mais esquecido com o frio da idade, mesmo nos Annaes de D. João III, quantos capitulos nos merecem todos os louvores, subindo com os successos á elevação dos modêlos antigos da historia!

No pulpito, quando o argumento o não escravisa, quem compete com Vieira nos rapidos bosquejos, nas allegorias fogosas, na imagem concisa, e ás vezes na graça admiravel do periodo e da phrase? Quem herdou a sua mestria em desenhar com uma palavra, dobrando a lingua a todos os caprichos?

Que de paginas excellentes, isentas dos defeitos da epocha e do auctor, se podem apontar como typos esmerados á diligencia e ao gosto dos curiosos?

Na copiosa, mas intrincada collecção dos seus sermões, quantas paginas immortaes sobreviveram, que sacudindo o pó dos seculos, e remoçadas pela novidade do estylo, e pela louçania dos vocabulos, nos apparecem bellas e perfectas, como se outro Vieira as escrevesse hoje?!

Na elegancia desacurada das suas cartas, aonde os dotes da alma e do engenho se espelham sem disfarce, que thesouros não ostenta a lingua, e que padrões eternos não deixou gravados para imitação e exemplo dos que a prezam!

É preciso vel-o a braços com as difficuldades, agora recordando as malicias de Tacito, (como elle diz) nos incisos, a que a obriga lutando com a latina; logo reproduzindo a brevidade de Sallustio, na textura nervosa, a que a sujeita. Os verbos em Vieira pintam como os adjectivos nas inimitaveis quintilhas do Tolentino.

No meio da rede artificiosa de textos forçados, de conceitos refinados, e de logares communs, adduzidos para espeques do paradoxo, que tão frequentemente deslustra os seus escriptos e orações, quantas vezes rebentam encantadas e coloridas as descripções delicadas, as analogias espirituosas, e as digressões sublimes?

No *Xavier Dormindo*, por exemplo, quem deixará de admirar o rasgo de poesia, a que se eleva subitamente, narrando a navegação do santo, e pintando na Africa e na Asia cada uma das terras pelos seus attributos, em forma que não desdiz da grandeza epica?!

O ardor, a viveza e a unção do livro dos *Trabalhos de Christo*, disputam com os melhores trasladados a palma da pureza.

Aquella ingenuidade picante e ornada sem ostentação das *Peregrinações de Mendes Pinto* aonde se encontra senão no painel curioso, que nos legou da mais inquieta e occupada existencia?

A sinceridade portugueza, e o termo chão e cheio de singeleza no contar do velho Fernão Lopes nas *Chronicas de D. Fernando e D. João I*, ás vezes tão maliciosas apesar da simplicidade, quem as não gostará, admirando que em idade rude pudesse tanto a prosa de uma lingua, que se estava formando ainda?

Barros, Lucena, D. Francisco Manuel, e numerosos outros, justamente louvados nos seculos de maior esplendor das letras patrias, o que têm que invejar á penna dos grandes prosadores contemporaneos da Europa?

No meio de taes riquezas é para deplorar o es-

quecimento, em que se deixaram cair tantas obras dignas de serem estudadas!

Invadiu-nos a *sympathia* pelos livros de fora, e deitámos para o lado, como se fossem moedas quebradas, os nossos bons auctores, tão intimos no dizer e no sentir com os costumes e crenças portuguezas!

Assustou-nos o ar usado, ou o cunho desmerecido pelos annos de algumas das suas locuções; e procurando o estímulo proprio de appetites embotados, deixamos escapar das mãos, e ficarem sepultados tantos primores de linguagem, e de erudição,—para sem escrupulo nos entregarmos ás leituras ociosas de novellas sem merito, ou ás fabulas e credices de imaginarias viagens, que ordinariamente tomam do que nós desprezamos o melhor de seus quadros!

O nome de classico atterra a indolencia, e faz enfiar os distraídos. Julgam pelo fastio de alguns titulos que pende o somno das largas paginas das chronicas monasticas, dos tratados theologicos, e das jornadas e miscellaneas, em que se entretinham nossos avós, e que encerram sob pezadas apparencias mais galas e instrucção, do que muitas das lustrosas superfluidades, em que se perde o tempo, se deprava o gosto, e, em vez de se confortar o espirito, se amolecem e envenenam os principios da moral.

Não somos dos que preferem o antigo só pelas datas; nem dos que tentam a resurreição absurda dos usos e estylo do passado. Os tempos não voltam; e se ha motivos de queixa para allegar hoje, não houve menores queixumes contra os que estão mais longe. Sobram os testemunhos.

A verdade entre os extremos é mais facil de achar.

Representam as letras a genealogia intellectual de uma nação; e triste d'aquella que engeita os seus brazões, porque os não conhece!

Desligando-se das saudades e do orgulho das glorias anteriores, baixando os olhos para as grossuras rasteiras dos interesses physicos, pode contar por dias a existencia. Perdido o amor do berço, não espere do coração nenhum dos nobres impulsos, com que tantas vezes renascem de si mesmos os povos prostrados.

O que censurámos é o aborrecimento injusto do que chamam velho, e a cegueira por tudo o que louvam de moderno!

Todos os seculos apresentam bellezas e defeitos, e em todos não falta que escolher e rejeitar.

O Ariosto e o Tasso lêem-se depois de Chateaubriand e de Byron! Machiavel, ou os historiadores antigos de França consultam-se apesar dos trabalhos de Thierry e da recente escola. Cantú não depoz os seus predecessores. Guizot não trancou as estantes de historia philosophica nas grandes livrarias. Gibbon não dispensou o estudo dos auctores, que lhe serviram de fonte; nem as copiosas obras sobre gregos e romanos proscreveram Tacito, Sallustio e Cicero, ou Thucydides, Xenophonte e Polybio!

Tudo se concilia e aproveita. Pode empregar-se uma hora em Fernão Lopes, e outra com Fr. Luiz de Sousa sem injuriar a fama de Schæffer, ou a reputação de Victor Hugo. As aventuras de Fernão Mendes Pinto, pelo menos, valem as de Alexandre Dumas, de Paris a Cadix! As viagens de Fr. Pantaleão d'Aveiro, do padre Manuel Godinho, e de varios peregrinos á Terra Santa, e a diversos logares, não prejudicam, antes incitam á leitura do itinerario de Chateaubriand, e da jornada de Lamartine, e das averiguações de Michaud e Poujoulat. São cousas distinctas!

Porque se ha de pois fugir do commercio dos poetas e prosadores das epochas notaveis da nossa illus-

tração, recebendo atrazado e impuro o que ellas nos offerecem corrente e limpo? Porque se ha de ler tanto em francez, e tão pouco em portuguez?

Como se explicará o conhecimento do mais obscuro auctor de Paris, e a quasi absoluta ignorancia dos nomes distinctos dos nossos sabios, dos nossos oradores, e dos nossos poetas em verso e prosa; porque os houve na toga, nas armas e no claustro?

Não lancemos só a culpa ao gosto publico. O mal reside na direcção geral do ensino. Separados dous ou tres auctores classicos, nas aulas não entram outros. Os compendios, os exemplos, e as citações tiram-se quasi sempre dos estrangeiros; e desde os annos tenros não ha quem nos disperte a curiosidade, e nos faça amigos e familiares dos escriptores portuguezes, como nos afeiçoam, desde a puericia, a Horacio e a Virgilio.

Camões e poucos mais, por excepção, escapam da sentença de desterro. O resto descansa, coberto de pó, nas estantes, e apenas é procurado por um ou outro amator, que lhe sabe avaliar o merecimento!

O modo de combater este erro nocivo, já um pouco modificado, (visto que não é possivel formar de repente a historia litteraria que nos falta) consiste em ir descrevendo por capitulos, (e quando o permittam as forças por monographias) as epochas e os engenhos distinctos, que mais preponderaram n'ellas.

Não ha outro meio de resgatar do desuso muitos primores, que não se apreciam por não se conhecerem.

Se um dia se conceber o systema da instrucção classica, ou antes a educação litteraria em bases menos restrictas, um curso sobre o estado e progressos da litteratura portugueza nos differentes seculos, semelhante ao que Villemain emprehendeu em França, creando um livro espirituoso e estimado, será lido nas escolas superiores das duas capitães; e outros mais resumidos nos diversos lyceus das provincias.

Até lá, e em quanto se disser que não chegam as rendas publicas, resignemo-nos a colligir e apontar os subsidios necessarios; porque, cedo ou tarde, as verdadeiras reformas hão de prevalecer.

É n'este sentido que nos propuzemos desenhar alguns vultos, que mais sobresaíram na republica das letras; demorando, ou correndo o lapis, segundo a noticia que se obteve dos auctores, e tambem conforme a importancia e influencia demonstrada, que exerceram no adiantamento da civilisação em Portugal.

Com isto não nos obrigámos a manter a serie chronologica, nem a mais do que pedem modestos ensaios biographicos.

(Continúa.)

L. A. REBELLO DA SILVA.

## QUADROS MARITIMOS.

### II.

#### NAUFRAGIO DA NAU SANTO ALBERTO.

1593.

VAMOS contar o lastimoso naufragio d'esta nau, que voltava da India ao reino, no anno de 1593, seguindo a narração, que d'este triste acontecimento nos deixou o cosmographo-mór João Baptista Lavanha, e que foi impressa por Alexandre de Sequeira em 1597. Partiu de Cochim a nau *S. Alberto*, a 21 de janeiro, sendo seu capitão Julião de Faria Cerveira, pi-

loto Rodrigo Migueis, e mestre João Martins. Trazia a seu bordo muitos passageiros, entre os quaes varias pessoas de distincção, e duas senhoras, D. Isabel Pereira, viuva de Diogo de Mello Coutinho, capitão que fôra de Ceylão, e sua filha, formosa donzella de dezeseis annos de idade. Fez a nau a sua viagem com tempo prospero até á altura de dez graus sul, onde começou a abrir agua, a qual foi crescendo de dia para dia, a ponto que em 32 graus de latitude, e tendo á vista a costa de Natal, se viram perdidos; e entendendo que não podiam já arribar a Moçambique, começaram a alijar ao mar toda a carga, que era de um valor immenso, e entestaram com a terra, para ahi varar a nau, posto que entre os cafres não devessem contar com a vida mais segura do que no meio das vagas.

Nuno Velho, um dos passageiros, que fôra capitão de Sofala, tratou de metter dentro de uma pipa as armas, polvora e chumbo, que poude encontrar na nau, prevendo de quanta utilidade lhe seriam estes objectos para atemorizar os cafres, e não se enganou, como experimentado que era. Estando já perto da terra, cortaram-se os mastros e enxarcias, aos quaes se lançou muita gente, que toda morreu com pernas e braços quebrados de encontro á nau, que encalhava n'esse momento, e aos paus que se entrechocavam prezos pelo massame. Tão furiosas pancadas deu a embarcação pela força da resaca, que separou as cobertas de cima das de baixo, cousa pasmosa! E ficando estas prezas na arêa, foram aquellas varar na praia, já subdivididas, aqui a prôa, ali a pôpa, salvando-se 285 pessoas, em cujo numero entraram as duas senhoras, graças ao cuidado de Nuno Velho (o heroe d'este tragico successo) e havendo morrido 62 homens, entre livres e escravos. Ao sitio em que naufragaram chamam os portuguezes o *Penedo das Fontes*, e os negros lhe chamavam *Tizombe*.

Não foram as tormentas do Cabo da Boa Esperança que fizeram naufragar esta nau, mas, como succedeu a muitas outras, o mal atamancado do seu concerto, e receber carga superior ao seu porte. A quilha do *S. Alberto* encontrou-se completamente pôdre! Horrorisa passar pelos olhos estas relações de tão repetidos naufragios, com tanta perda de vidas e de fazendas, quasi sempre por descuidos ou teimas dos artifices, dos pilotos ou dos carregadores; e não causa menor afflicção considerar os grandes trabalhos que muitos dos naufragos passaram por baixios esteireis, praias aridas e desertos sertões: na resumida conta que vamos dar do que soffreram estes homens em cem dias de marcha, por caminhos desconhecidos e sertanejos, debaixo do sol ardente de Africa, avaliarão nossos leitores que não foram mais felizes os que saíram vivos em terra, do que os que ficaram logo sepultados nas ondas.

O naufragio teve logar a 25 de março, e logo ao outro dia começaram a recolher os mantimentos e armas, que ainda se conservavam nos pedaços da nau; entrincheiraram-se contra os cafres, que pudessem apparecer, e fizeram tendas de ricas alcatifas de Cambaya e Odiaz, de preciosas colchas e caixas e esteiras das Maldivas... embarcadas para bem differente uso!

Custa a acreditar como, em tão criticas circumstancias, soldados, marinheiros e passageiros, se sujeitassem a formalidades de disciplina! Porém aqui temos um exemplo pasmoso; uma eleição de capitão-mór para toda aquella gente, feita na melhor ordem, e de certo com mais liberdade de consciencia do que em nossos dias se fazem nos grandes povoados: a soldadesca escolheu dez eleitores e a marinagem dous, e todos juraram de obedecer áquelle que

os doze eleitores escolhessem para seu chefe. Foi proclamado capitão-mór, por unanimidade de votos, o nosso conhecido Nuno Velho Pereira, por sua nobreza, prudencia, esforço e experiencia (diz a chronica.) Recusou elle a eleição, e propunha para chefe o capitão da nau, Julião de Faria; porém o povo não lhe acceitou a excusa, e jurou-lhe de novo inteira obediencia. Obrigado pois a servir aquelle trabalhoso cargo, Nuno Velho nomeou a Julião de Faria para director do arraial, a Diogo Nunes Gramacho para provedor, e a João Martins (o mestre) para thesoureiro, dando-lhes como adjuntos Antonio Godinho, que tinha muita experiencia do commercio dos cafres, e Frei Pedro da Cruz, agostiniano, porque sem o conselho de um frade se não podia passar.

Um rei d'aquellas cercanias veiu com sessenta negros, como elle, visitar os nossos, logo ao terceiro dia de estada ali; trataram-se bem mutuamente, e fizeram-se alguns presentes de parte a parte; os nossos deram-lhe uma bacia de cobre e outras bagatelas, e elles dous bons carneiros e mais comestiveis e agua.

No primeiro dia de abril emprehenderam a viagem pelo sertão para a bahia de Lourenço Marques, logar o mais proximo onde pudessem encontrar navio portuguez; e não seguiram ao longo da costa por lhes lembrar Nuno Velho, que essa fôra a perdição de Mannel de Sousa Sepulveda, e da gente da nau *S. Thomé*, em 1552 e 1554, visto ser mais longo o caminho costeando a Cafraria, mais doentio, e mais falta de agua e comestiveis. Assim mesmo era uma jornada de cem dias que iam emprehender. Foram acompanhados até ao rio do Infante pelo rei cafre, que ahi os recommendou a outros negros de diverso senhorio; e comprando vacas e outros mantimentos nas povoações que iam encontrando, a trôco de missangas, botões e avelorios, caminharam a pequenas jornadas, ora ao sol, ora á chuva, por muitos dias, deixando na estrada os que não tinham forças para acompanhar a hoste (excepto D. Isabel e D. Luiza, que vinham ás costas de escravos, em uma especie de machilas,) e vadeando o caudaloso rio de *S. Christovão*, encontraram formosos campos, arvores frondosas, e muitas aves e bom leite, mas em seguida um deserto safaro e temeroso. Ahi deram parte de fracos os escravos do capitão-mór, e porque tinham pouco que comer, declararam que não podiam continuar a carregar com as senhoras; porém dezeseis grumetes, mediante a promessa de mil cruzados, se encarregaram da sua conducção até Lourenço Marques.

Com varia sorte foram seguindo seu destino aquelles pobres naufragos, ora encontrando quem os guiasse na desejada derrota, ora vendo-se sem guia em logares despovoados, e servindo-se dos instrumentos nauticos para dirigirem o rumo, como se estiveram em pleno oceano. Já o mez de maio era entrado, e se não chegavam a Lourenço Marques antes do fim de junho, novos trabalhos se lhes apparelhavam, pois era esse o tempo de largar d'aquella bahia para Moçambique o navio do resgate annual, e se ali o não encontrassem, teriam de esperar um anno, que viesse outro navio, ou atravessar a bahia e caminhar até Sofala! Agora começou a apertar o frio com os nossos, e viram grandes e altas serras cobertas de neve; alguns escravos morreram por falta de abrigo, e com elles ficou tambem o cadaver de Alvaro da Ponte. Houveram impacientes que se amotinaram, reprovando a jornada pelo sertão, e clamando em altas vozes que queriam seguir a direcção do mar, ao que accedeu o capitão-mór, ouvindo o piloto e o mestre. Ao cabo de quatorze dias de deserto, acharam o mais fertil valle da Cafraria, a que puzeram nome da *Misericordia*, e aonde se demoraram dous dias

a descansar, ficando ahí por sua livre vontade quatro escravos; e mais adiante toparam com tão fresca ribeira, que lhe deram o nome das *Flores formosas*. Se em uma parte encontravam pretos mansos, que trocavam o seu gado pelo cobre e pregos que os da nau levavam, em outras tinham de fazer uso das espingardas, de cujos tiros haviam grande terror os negros bravios e ladrões. Dormir na terra humida, passar rios com agua pelo pescoço, soffrer o ardor do sol durante o dia, e ás vezes a fome, eis as contínuas diversões d'este punhado de homens, perdido nos sertões de Africa!

A côr branca dos nossos muita admiração causava n'aquelles povos. Em uma aldêa, tendo-se contado do naufragio, por via de um interprete, clamaram os negros: Estes homens são filhos do sol, e o vão buscar. E muito os obsequiaram. Logo adiante lhes quiseram roubar o gado outros pretos, e foi mister castigal-os ás lançadas. Em um logar de cafres pobres, ficou Alvaro Gonçalves, velho de setenta annos, que vinha muito doente; e seu filho, o contra-mestre do navio, queria ficar com elle, mas não lh'o consentiram; dous grumetes, já moribundos, ficaram em outra aldêa, e assim mais alguns brancos e escravos. Muitos dos reis d'aquelle sertão saíam ao caminho a cumprimentar Nuno Velho, que reputavam seu collega na realza, e serviços valiosos lhe prestaram, a trôco de alguns objectos salvos da nau.

Fôra assaz fatigante seguir passo a passo esta longa jornada dos naufragos do Penedo das Fontes, acompanhal-os em todas as occasiões de desespero, e nos momentos de fagueira esperança; subir com elles ingremes montanhas, e descer a profundos valles, vadeando ribeiros apressados; alternando o frio e o calor, segundo as localidades e as horas; soffrendo a fome e a sede... Não: galgaremos um grande lapso de tempo, e folgaremos com os nossos aventureiros, vendo, no dia 23 de junho, a foz do rio de Santa Luzia, que já haviam passado longe da bôca. Foi ahí que, quarenta annos antes, se afogou Fernão Alvares Cabral, capitão da nau *S. Bento*, que havia naufragado no cabo da Boa Esperança. Perto o enterraram os seus, ao pé de um outeiro.

Na manhã seguinte descobriram de um alto povoações de differente aspecto que as precedentes, e acharam-se em terra de amigos; tiveram logo novas de que o navio do resgate ainda não partira, e viram emfim o mar... Estavam na paragem dos *Medões d'ouro*. Os negros de ahí já conheciam os portuguezes, que iam á compra do marfim, por isso não faltaram aos naufragos nem guias nem mantimentos; continuaram o seu caminho vadeando o rio da *Abundancia* (nome que lhe puzeram os perdidos da nau *S. Thomé*) e logo adiante os veiu cumprimentar da parte do *Inhaca* um cafre que fallava portuguez, por ter ali ficado do naufragio do galeão *S. João*, o qual certificou que ainda estava no rio a embarcação do resgate, dando grande alegria aos pobres aventureiros, que a não ser isso teriam de caminhar a pé mais dous mezes até Sofala. D'ahi a pouco viram dous marinheiros do navio, e por elles mandou o capitão-mór cartas para o respectivo capitão.

Estavam emfim na bahia de Lourenço Marques, que foi testemunha do desbarate e morte de dous heroes Manuel de Sousa de Sepulveda e D. Paulo de Lima, mas que ia ser a salvação de Nuno Velho e dos mais que restavam do naufragio da nau *S. Alberto*. Como porém o piloto do navio do resgate, que se chamava *Nossa Senhora da Salvação*, não julgava ainda o tempo opportuno para ir na volta de Moçambique, vinte e oito dos portuguezes, que tanto haviam soffrido, resolveram ir por terra para So-

fala, levando por capitão Balthazar Pereira, de al-cunha o *Reynol das forças*, o que effectuaram; mas tantas desordens fizeram no caminho, que só dous chegaram ao seu destino, sendo todos os outros mortos pelos cafres.

Vindo a monção partiu o navio salvador, a 22 de julho, mas tal foi a tormenta que lhe deu na altura do cabo das Correntes, que os nossos aventureiros se tiveram por mais perdidos do que na nau *S. Alberto*. Alijaram muitos mantimentos ao mar; porém a bonança voltou no fim de dous dias, e a 6 de agosto chegaram a Moçambique, desembarcando em procissão com os frades dominicos, para irem a Nossa Senhora do Baluarte dar graças de se acharem salvos.

No seguinte capitulo contaremos o desastrado fim de quasi toda esta gente, que acabava de salvar-se á custa de tanta fadiga e privações: é a outro auctor que devemos a conclusão da sua historia.

(Continúa.)

F. M. BORDALO.

#### OS IMPERIOS BYSANTINO E OTTOMANO.

### XVII.

*Grande incendio em Constantinopla: esperançoso começo do reinado de Mustaphá III: Mahomet Raghyb: carestia de viveres: intervenção russiana na Polonia: planos ambiciosos de Catharina II: guerra entre a Russia e a Turquia.*

A MAHAMUD I succedeu seu irmão Osman III. Este principe já tinha completado cincoenta annos, quando empunhou as redeas do governo. Tão longo espaço de tempo, passado como em prisão no interior do serralho, havia influido sinistramente na sua existencia. A falta absoluta de liberdade, a perspectiva de uma morte violenta sempre diante dos seus olhos, a continua desconfiança contra todos os que o cercavam, tinham-lhe apoucado a intelligencia e enfraquecido a saude. Completamente inhabil para dirigir os negocios do estado, e occupando-se só das cousas mais frivolas, abandonava aos ministros a administração do paiz. A facilidade porém com que se deixava dominar por todos quantos sabiam insinuar-se em seu animo, levou-o a mudar tão amiudo de conselheiros, que em menos de dous annos foram confiados os sêllos do imperio a oito grão-vizires.

O seu reinado apenas durou tres annos durante os quaes se conservou inalteravel a paz tanto no interior como no exterior. Um grande incendio, que teve logar em Constantinopla nos principios do anno de 1755, e que consumiu dous terços d'esta cidade, foi o mais importante acontecimento d'este curto periodo.

Osman III falleceu a 29 de outubro de 1757; e n'esse mesmo dia foi proclamado sultão Mustaphá III, filho mais velho de Achmet III.

Mustaphá confirmou logo a Mahomet Raghyb pachá no cargo de grão-vizir, para que fôra nomeado pelo sultão Osman pouco tempo antes da sua morte.

Era Raghyb um homem de não vulgar capacidade. Seus conhecimentos administrativos, sua politica illustrada, juntos a um caracter energico activo e perseverante, collocavam-o a par dos mais distinctos estadistas da Turquia. Mustaphá III soube apreciar as altas qualidades do seu ministro, depositando n'elle plena confiança.

Foi então que Mahomet Raghyb, vendo-se forte com o apoio do soberano, desenvolveu seus grandes talentos. Occupou-se primeiramente em melhorar os diversos ramos do serviço publico, introduzindo em cada um importantes reformas exigidas pelo progresso civilizador. Abolindo alguns tributos vexatorios; simplificando e fazendo mais suave a percepção dos que ficavam existindo; e procedendo, finalmente, em todas as repartições do estado a mui restrictas economias, poudo restabelecer a ordem nas finanças. Poudo em vigor, e fazendo observar escrupulosamente as leis sumptuarias, que jaziam esquecidas, cohibiu o excessivo luxo, que se havia introduzido nas classes elevadas da sociedade.

Com esta serie de medidas ganhou o ministro muita popularidade, e toda a nação concebeu grandes esperanças n'um reinado, que tão sabiamente se estreaava.

Por este tempo veiu um acontecimento desastroso augmentar o credito do grão-vizir. O naufragio de setenta embarcações carregadas de trigo, que vinham de diferentes portos do mar Negro para abastecimento de Constantinopla, produziu no mercado d'esta capital grande alta em todos os generos de primeira necessidade. O povo, ameaçado da fome, rompeu n'uma insurreição, que apesar de não ter caracter politico, daria de si mui tristes resultados, se não fossem as acertadas providencias com que o grão-vizir atalhou o mal, e fez entrar tudo na ordem.

Mustaphá ambicionava a gloria militar. Desde a sua exaltação ao throno não cessára de exprimir o desejo de obter o epitheto de ghasi (o victorioso), com que os musulmanos haviam appellidado outr'ora o fundador do imperio.

O grão-vizir achava-se animado do mesmo espirito guerreiro. Vendo o paiz bem organizado e tranquillo, e o thesouro n'um estado visinho da prosperidade, parecia-lhe que os interesses do imperio exigiam, que se aproveitassem tão felizes disposições para obrigar a Austria a restituir o bannato de Temeswar, onde ficava a praça d'este nome, um dos mais importantes baluartes da fronteira turca. Julgava Mahomet Raghyb, que nas circumstancias especiaes em que se achavam os dous imperios, o da Turquia fortalecido pelos effectos beneficos da paz e de uma administração illustrada e vigorosa, e o de Allemanha enfraquecido e exaustado de recursos pelas guerras da successão, era este o momento mais propicio para abater esse irreconciliavel inimigo do nome musulmano, e para reivindicar o territorio de que fôra despojada a Turquia pelo tratado de Passarowitz.

Faziam-se a occultas os preparativos bellicos, e esperava-se tão sómente por um pretexto plausivel para a declaração official da guerra, quando a morte de Mahomet Raghyb veiu transtornar todos os planos (1762). A falta de tão habil ministro foi uma grande perda para o soberano e para a nação. O seu impulso civilizador tinha-se feito sentir em todo o imperio; até as sciencias e as letras, de ordinario tão descuidadas n'aquelle paiz, lhe deveram particulares disvelos. Fundou varias escolas e bibliothecas; estimulou os homens de sciencia a escrever tratados de instrucção publica, e elle proprio compoz algumas obras sobre moral e philosophia.

A morte por conseguinte d'este estadista fez mudar a politica do gabinete. Apesar de todos os desejos do sultão de se illustrar nos campos de batalha, prevaleceram no divan as idéas da paz. Foram porém de pouca duração estas disposições pacificas. Vagando o throno da Polonia por morte de Augusto III, e sendo proclamada Catharina II imperatriz reinante de todas as Russias, sobrevieram successos

que envolveram novamente em guerras a Turquia e a Europa.

Desde o reinado de Pedro I, que concebêra o projecto de crear um imperio, vasto como o romano, a politica russiana tem dirigido constantemente as suas vistas e esforços para realisar o sonho do grande monarcha, que elevou a Russia á cathegoria das nações civilizadas. A Polonia e a Turquia eram os principaes obstaculos que se levantaram diante da ambição moscovita, e além d'isso a sua situação geographica faziam-as appetecidas, e mais ainda indispensavel a conquista d'estes dous paizes para se poder dar realisação a tão atrevido pensamento. Se a aguia russiana conseguisse tocar com as extremidades de suas azas o Baltico e o Mediterraneo, a sorte da Europa seria desde então muito duvidosa, a sua independencia ver-se-ia em breve tempo quasi á mercê do autocrata. Era pois contra a Polonia e a Turquia que o gabinete de S. Petersburgo dirigia todo o poder dos seus canhões e das suas intrigas.

Ora semeando a sizania no seio do governo, ora accendendo a discordia no paiz; umas vezes excitando commoções populares, outras vezes insurreições da tropa; e finalmente aproveitando-se d'esse estado anarchico, ou da fraqueza e cansaço em que elle deixava a nação, para romper em guerra declarada, a Russia ía conseguindo pouco a pouco abalar e enfraquecer aquelles dous colossos.

Portanto apenas constou em S. Petersburgo o fallecimento de Augusto III, o governo russo, servindo-se de um pretexto frivolo, que deixava bem a descoberto as suas vistas ambiciosas, fez entrar na Polonia um corpo de exercito. Não tinha este movimento o caracter de uma invasão inimiga, pois que a diplomacia soubera disfarçal-o sob apparencias amigaveis; mas ía servir de ponto de apoio á influencia da Russia, e tambem de instrumento ás suas intrigas.

Debalde Mustaphá III, receioso de similhante intervenção, se queixou energicamente do procedimento da czarina. Em vão o secundaram a França e a Prussia. Catharina II, fazendo sempre protestos de desinteresse, e respondendo a todas as queixas com promessas de evacuar o mais breve possivel o territorio polaco, progredia nos seus planos com maior fervor. Em quanto o seu ouro corrompia uma boa parte dos membros da dieta polaca, e a muitas pessoas influentes no paiz, as intrigas habilmente manejadas pelos seus agentes dividiam o resto da assembléa e da nação em muitas parcialidades, que se odiavam e guerreavam como incarnigados inimigos.

D'est'arte logrou Catharina II, apesar de toda a repugnancia do paiz, e mau grado das principaes potencias, sentar no throno da Polonia a Estanislau Augusto Poniatowski, seu antigo valido, e creatura inteiramente dedicada aos interesses russianos (1764).

O sultão viu com muito desgosto firmada na Polonia a influencia da Russia, e resolveu combatel-a abertamente e a todo o transe, por quanto eram bem faceis de apreciar as suas consequencias provaveis, tanto em relação á Polonia como á propria Turquia. Mas o divan oppoz-se tenazmente aos desejos bellicosos de Mustaphá. Algumas scenas tumultuosas, que tiveram logar na Arabia; certa agitação, que lavrava no Egypto e n'outras provincias, á qual não era estranho o gabinete russo, foram os principaes argumentos, sinceros ou traiçoeiros, de que se serviu o divan para desviar o sultão das suas idéas de guerra, pelo risco, que diziam poderia correr a segurança do imperio, se se emprehendesse uma lucta com tal inimigo, tendo a desordem no interior.

Entretanto ia-se arreigando em Varzovia a preponderancia da Russia. O rei Estanislau não era mais do que um executor das ordens emanadas de S. Petersburgo. A dieta deixou de ter liberdade nas suas deliberações. Os cidadãos deixaram de ter segurança em suas pessoas e bens. A prisão, o desterro, e o sequestro seguiam de perto quaesquer resistencias contra a vontade de Catharina.

Tantas violencias acenderam a guerra civil no paiz; e era isso exactamente o que pretendiam os agentes russianos, porque assim se auctorisava a occupação militar do solo polaco pelos exercitos moscovitas, e se obtinha ainda pretexto para augmentar estas forças. Uma parte pois do exercito polaco, a que se reuniu grande numero de populares e de nobres, fazendo uma liga patriótica, contra os oppressores da sua patria, escolheram a cidade de Bar, na Podolia, para centro de operações (1768).

Os chefes da insurreição trataram logo de enviar emissarios a Constantinopla encarregados de solicitar do sultão um auxilio directo, coadjuvando-os com mão armada. E para o caso que fosse necessario negociar o soccorro iam auctorisados para prometter em troca a cessão de uma provincia. Porém o governo ottomano não annuiu ás supplicas, nem se deixou mover pelas offertas, se bem que lhe não faltasse vontade de os contentar por sympathias e interesse proprio. Limitou-se portanto a mandar para as fronteiras dous corpos de exercito de observação.

N'estas circumstancias, vendo-se os sublevados muito inferiores em forças para combater tão poderoso inimigo, recorreram a um stratagem para obrigar a Turquia a tomar parte na lucta. Fazendo com que um regimento da sua cavallaria simulasse uma fuga para dentro das fronteiras turcas, attrahiram os russos em sua perseguição até á cidade de Balta, onde empenharam com elles renhido combate. No calor da peleja os russos não pouparam polacos nem musulmanos, de sorte que toda a cidade foi envolvida na contenda, com muito prejuizo de vidas e propriedades.

A noticia d'esta violação manifesta dos tratados irritou a tal ponto os espiritos em Constantinopla, que o divan viu-se obrigado a votar pela guerra, que foi immediatamente declarada.

Começou a campanha favoravelmente para os turcos. Não esperando os russos tão repentino ataque, nem tendo ahi forças bastantes para resistir a este novo inimigo, recuavam por toda a parte diante das phalanges do propheta. Mas recuavam fazendo a mais terrivel das guerras, segundo a antiga e constante tactica da Russia. Na sua retirada incendiavam e destruiam tudo quanto podia servir ao inimigo de alimento ou de repouso. Por este meio se achou o exercito musulmano na mais critica situação. A fome e o cansaço introduziram-lhe nas fileiras primeiro o desalento, e depois a insubordinação; e assim prepararam uma grande victoria para as armas russianas.

A este desastre succedeu-se outro ainda maior junto ás margens do Dniester. A repentina subida das aguas d'este rio, destruindo uma ponte no momento em que o exercito turco o atravessava, proporcionou aos russos um completo triumpho. Não só foi aniquilado o exercito ottomano, mas o terror que este destroço causou abriu ao vencedor muitas praças de guerra, e franqueou-lhe o passo até ás margens do Danubio.

Então o inverno, interrompendo as operações, poz termo á campanha de 1769. (Continúa.)

I. DE VILHENA BARBOSA.

INSTRUÇÃO PUBLICA E DESENVOLVIMENTO  
INTELLECTUAL NA GRECIA.

*Escolas de meninas. — Sociedade philepdeutica.*

A SOCIEDADE promotora da instrução elementar mereceu a approvação de el-rei a 28 de agosto de 1836; o numero de seus membros foi crescendo de anno para anno, e seus resultados têm sido cada dia mais satisfactorios. Conta hoje mais de setecentos socios contribuintes. O relatorio official, publicado no fim do anno de 1840, faz subir o rendimento ordinario d'esta sociedade a 36:710 drachmas annuaes; este rendimento ascendeu pouco depois a 41:000 drachmas, e continúa em augmento. Possui além d'isso um capital de 40:000 drachmas, que se trata de empregar na construcção de um edificio conveniente para a grande escola central. Esta ultima escola, excellente debaixo de todos os pontos de vista, está actualmente confiada á direcção de uma mulher mui distincta, a sr.<sup>a</sup> Sebasté Mano; e pode dizer-se que semelhante estabelecimento é para a escolas primarias de meninas, o que a escola normal primaria é para as escolas elementares do sexo masculino. Effectivamente o seu principal objecto é formar mestras, e para conseguir este fim, tanto o governo, como a sociedade, têm creado um grande numero de pensões a favor de jovens de talento, e conveniente disposição. Pensa-se tambem em aggregar a este instituto outra escola modelo, onde as futuras mestras se exercitem na pratica do ensino. Ora além d'isso, n'esta escola superior, onde as adultas podem receber um grau de instrução assás extenso, se recebem, mediante modica retribuição, pensionistas e externas; o que contribue para augmentar os fundos da sociedade: Como a escola de mistriss Hill acabou ultimamente, e as pensões que disfructava foram transferidas para a escola central da *Sociedade Philepdeutica*, têm crescido extraordinariamente os seus recursos. É mister advertir que a sociedade não limita a sua actividade e zelo a este unico estabelecimento. Auxilia um grande numero de escolas primarias de mestres e mestras nas provincias, fazendo-lhes remessas de livros e outros meios de instrução. Tem contribuido para a publicação de muitas e excellentes obras elementares, ou custeando a sua impressão, ou remunerando e premiando seus auctores. N'uma palavra, a *Sociedade Philepdeutica* desenvolve de dia para dia uma actividade cada vez mais honrosa e benefica.

*A Casa-Pia*, fundada em Egina durante a administração do presidente Capodistrias, recebe os orphãos, filhos pela maior parte de paes indigentes, e foi trasladada em 1834 para Nauplia; recebeu ultimamente nova organização. Não se dá aos orphãos uma educação litteraria e scientifica, porém simplesmente uma instrução elementar; ensina-se-lhes tambem um officio, que pode pôl-os em estado de ganhar depois a sua vida. Segundo a ordenança de 1834, devia este estabelecimento conter cem alumnos; hoje só reúne trinta; estes pela maior parte exercitam-se nos trabalhos technicos do arsenal real de Nauplia.

*Meios de instrução. — Livros classicos e de litteratura.*

Por conta do estado, da sociedade philepdeutica, e tambem de alguns particulares tem-se composto e publicado obras elementares para todos os ramos do ensino primario. Todas estas obras se têm

publicado debaixo de duas formas differentes: uma destinada aos mestres, mais extensa, e a outra reduzida a compendio, e feita para os discipulos. Estas duas edições de cada obra formam de certo modo duas bibliothecas encyclopedicas, custando a mais pequena só quinze drachmas; de sorte que o estudante mais pobre, ao cabo dos quatro annos, que passou na escola, tem podido adquirir uma pequena, mas interessante bibliotheca, gastando apenas tres drachmas e meia em cada anno.

Os livros menos elementares, destinados para uso dos gymnasios e escolas hellenicis, são quasi todos redigidos e publicados por ordem do governo. Com certo numero de exemplares de todas estas obras, e com alguns milhares de volumes postos á disposição

do publico por cidadãos generosos, como, por exemplo, as edições dos classicos publicadas por Korais e Ducas, tem-se formado um deposito central de livros d'onde se tiram para fornecer gratuitamente, e segundo as necessidades, ás escolas, e alumnos, os livros que lhes são necessarios, ou tambem se vendem os livros muito baratos, empregando o producto na compra de novas obras para enriquecer a bibliotheca publica. O governo reune tambem n'este mesmo deposito modêlos e outros objectos necessarios para a instrucção, com o fim de os repartir gratuitamente pelas escolas mais necessitadas.

(Continúa.)

L.



HESPAHHA — TEMPLO DE S. MIGUEL.

O TEMPLO de S. Miguel em Medina de Rio-Secco, na Hespanha, é dos poucos monumentos erigidos no periodo bysantino, que têm resistido á acção do tempo, e á ignorancia e cobiça dos homens. Não o recommendam a sua grandeza, nem a sua formosura architectonica, nem o primor de suas decorações interiores. O seu merito consiste unicamente na sua incontestavel ancianidade.

Posto que não exista memoria da fundação do templo de S. Miguel, as mais bem fundadas conjecturas, e o estudo consciencioso do edificio, fazem-na remontar ao seculo 11.<sup>o</sup>; e o sr. Garcia Escobar, de quem tomamos esta noticia, pensa que foi obra do seculo 9.<sup>o</sup>, nos primeiros tempos da reconquista, opinião particular que o seu auctor fundamenta com argumentos, que não vem ao nosso proposito.

A forma do edificio é um rectangulo imperfeito, terminando em uma curva semi-espherica pela parte superior. O templo interiormente é singelissimo. Grosseiros pilares mettidos nas muralhas sustentam a informe cornija. O tecto é de madeira toscamen-

te afeiçoada. A decoração exterior consta apenas de rusticas pilastras, columnas de má proporção, modilhões, em que o cinzel esculpiu monstros desconhecidos, symbolos e hieroglyphos, mesquinhas e não symetricas janellas, mais proprias de uma fortaleza que de uma igreja christã, uma torre sem arte e acanhada, e finalmente uma portada constituida por um arco hemicyclo, sustentado por duas ordens de pilares caracteristicos.

O desenho que publicamos no n.<sup>o</sup> 35, representando a cathedral da Bahia, por um engano, desculpavel em presença dos motivos, que apontamos no artigo, que acompanhava o mesmo desenho, saiu ás avessas na gravura; é um defeito, que só os habitantes da Bahia poderiam conhecer, e por isso o não notamos; o que fazemos agora por nos ser perdido pelo cavalheiro de quem recebemos os originaes d'aquelle desenho.